

## **A VIVACIDADE DOS GÊNEROS E SEUS SUPORTES NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: OS DIVERSOS CONTEXTOS E O TRÂNSITO REAL E SIMULADO NAS BRINCADEIRAS DE FAZ DE CONTA**

Natasha Pitanguy de Abrantes  
naty\_abrantes@hotmail.com

Professora de Educação Infantil do Município do Rio de Janeiro, graduada em Pedagogia pela UERJ e pós-graduada do Curso de Especialização Docências na Educação Infantil – UFRJ

O ser humano carrega, além das marcas do biológico, características históricas, sociais e culturais. Essas características, que extrapolam o natural, se fazem presentes no ser humano por este se constituir na e pela linguagem. É através dela, na interação com os muitos outros nos diversos contextos que o ser humano vai tendo contato com a cultura, produzindo-a e sendo produzido por ela, criando e recriando o mundo à sua volta, expressando-se, comunicando-se, pensando e agindo com a fala, os gestos, através da brincadeira, pela escrita etc. (BAKHTIN, 2003; VYGOTSKY, 1995).

Neste artigo, trarei uma reflexão sobre qual tem sido o espaço da linguagem escrita na educação escolar da primeira infância, analisando as práticas cotidianas de um determinado espaço de Educação Infantil e apostando no trabalho com os gêneros do discurso e seus suportes como uma possibilidade de se vivenciar, seja em situações reais ou em contextos simulados esta escrita tal como ela está no mundo, carregando-a de significado e função.

Para que este diálogo possa ser tecido, utilizarei os relatos de prática retirados dos Cadernos de Registros de três turmas de Maternal II, feitos por mim nos anos de 2012 e 2013 em uma Creche Municipal do Rio de Janeiro. Esses relatos revelam práticas reais do uso dos gêneros e seus suportes no cotidiano da Educação Infantil. Destacarei também cenas de brincadeiras, como uma das formas de se observar como a criança significa o mundo, expressando-o nessas práticas (GOUVÊA, 2007), revelando que desde a mais tenra idade a criança realiza questionamentos sobre a linguagem escrita e demonstra conhecer/ fazer o uso e buscar compreender como esses diversos gêneros e suportes são vivenciados na creche e fora dela, constituindo-se, assim, enquanto seres de linguagem e produtores dela.

## **Tecendo diálogos, investigando as interações entre as crianças, a linguagem escrita, os gêneros do discurso e seus suportes na Educação Infantil**

A linguagem escrita está intensamente presente em nossa sociedade e dela fazemos uso para dar conta de grande parte de nossas ações, permitindo-nos participar das práticas sociais de leitura e escrita que permeiam as relações entre os homens nas sociedades letradas. Dela utilizamos para nos informar, orientar, comunicar, divertir, dentre outros, em diversas situações do nosso cotidiano: leitura e escrita de carta ou bilhete, anúncios de emprego, bulas de remédio, receitas, placas de sinalização, livros e uma quantidade infinita de possibilidades de situações reais de leitura e escrita alternadas conforme nossos objetivos e os vários interlocutores.

Tal linguagem, tão presente em nossa sociedade nas diversas práticas cotidianas, não pode ficar ausente nos espaços da Educação Infantil, mas quais são o tempo e o espaço da linguagem escrita na Educação Infantil? Quais são as possibilidades de trabalho com esta linguagem como uma dentre as múltiplas possibilidades de prática pedagógica na Primeira Infância? Como privilegiar no cotidiano uma prática que considere a criança como um sujeito de direitos que atua em seus processos de aprendizagem, refletindo também sobre a leitura e a escrita? Como vivenciar os diversos gêneros e suportes no cotidiano da Educação Infantil, seja em situações reais ou em contextos simulados? Como o uso dos gêneros do discurso extrapola a linguagem escrita e inclui e favorece a linguagem oral, a interação e, principalmente, a brincadeira? Como potencializar a brincadeira como experiência de cultura e a brincadeira como experiência de/com a linguagem escrita? E, ainda, o que se revela de conhecimento da linguagem escrita, dos gêneros do discurso e dos suportes textuais na brincadeira?

As crianças, antes mesmo de aprenderem a ler e a escrever, realizam descobertas sobre a língua escrita, vivenciando situações reais de seu uso por estarem vivendo em uma cultura letrada. Se nas interações com os sujeitos da cultura ela participa de situações em que se torna necessário, por exemplo, ler um jornal para se informar sobre determinado acontecimento, ler uma receita para fazer um bolo, se divertir ou se emocionar com a leitura de um livro, confeccionar um convite ou produzir uma história, ela está tendo contato com diversos tipos de textos, apropriando-se progressivamente dos seus usos e funções, das "estruturas

próprias” de cada gênero do discurso e suas especificidades, vivenciando os propósitos que organizam a leitura (BATISTA, 2011), ou seja, os muitos usos e funções da leitura, alternados conforme nossos objetivos, suportes, gêneros e interlocutores: não se lê do mesmo modo uma bula, um livro de literatura infantil, um cardápio, lê-se de muitas e variadas formas, por exemplo, para localizar informações, estudar e se divertir.

Mesmo que ainda não saibam codificar e decodificar, as crianças participam de diferentes práticas de leitura e escrita, observando e empreendendo esforços para compreender o funcionamento da língua. Torna-se, pois, importante trazer para o cotidiano da Educação Infantil esta escrita social com toda a riqueza e diversidade em que ela se encontra fora da escola, em contextos reais ou em situações simuladas (BATISTA, 2011) com o objetivo de que as crianças questionem e reflitam sobre a língua e seus usos, construindo ideias sobre o ler e o escrever, a partir das muitas vivências e experiências, dentre elas a brincadeira, com os diversos gêneros e suportes. Em diálogo com Britto,

É à medida que a criança vivencia a experiência dos objetos da cultura escrita, os modos de organizar a cultura escrita, os gêneros de escrita, que ela encontrará sentido no escrito, de modo que, quando aprender o sistema de escrita, ele terá sentido para ela. (2004, p.17)

O objetivo deste artigo é tecer um diálogo, buscando investigar como a linguagem escrita, os gêneros do discurso e seus suportes têm sido vivenciados no cotidiano da Educação Infantil, no trabalho com crianças pequenas e, além disso, propor outras formas e modos de potencializar a aprendizagem da leitura e da escrita a partir de vivências de situações reais, simuladas ou não, do uso da língua no cotidiano. Pretende-se ainda investigar a brincadeira nestes espaços, a partir da observação, registro e reflexão de cenas, e o que elas revelam das interações estabelecidas entre a(s) criança(s) e a linguagem escrita, especialmente, a sua relação com os diversos gêneros e suportes. No brincar, a criança se interroga sobre o mundo no qual ela se situa (GOUVÊA, 2007), significando a cultura e construindo experiências, revelando neste brincar o que conhece do mundo e como ressignifica-o. Estabelecendo um paralelo com a linguagem escrita, no brincar, a criança revela o que conhece dela, trazendo seus usos para a brincadeira, significando-a e ressignificando-a nesta ação de/com

autoria, produzindo cultura e sendo produzido por ela. Discutiremos ainda alternativas de se potencializar um fazer criador, revelador e transformador.

Organizei estratégias de ação e observação nas quais se fez o uso da linguagem escrita de modo a contribuir para a formação do leitor pleno e também para a reflexão sobre as interações das crianças, aqui e agora (DAHLMERG, MOSS E PENCE, 2003), com a linguagem escrita, percebendo-as enquanto sujeitos de linguagem, vivenciando aqui e agora a linguagem escrita, as diversas práticas de escrita no mundo, constituindo, assim, sentido e significado para este leitor/escritor que interage com a língua escrita buscando se apropriar dela para melhor compreender o mundo e se relacionar com ele, familiarizando-se com o mundo da escrita,

Isto é, com as características dos modos de construir significados por meio da língua escrita, especialmente com a sintaxe da escrita, com os diferentes gêneros de textos, com os propósitos que buscamos alcançar quando lemos ou escrevemos e com as formas de circulação de textos. (BATISTA, 2011, P. 18)

Dessa forma, construímos conhecimento junto com outros construtores, adultos e crianças, sendo coconstrutores de conhecimento, da cultura e da sua própria identidade. (DAHLMERG, MOSS E PENCE, 2003)

Destaco agora alguns relatos<sup>1</sup> de prática ocorridos nos anos de 2012 e 2013, numa creche municipal do Rio de Janeiro, em que se fez uso dos gêneros textuais e seus suportes, em diferentes contextos, alternados conforme os objetivos e os interlocutores, para que a partir destes relatos de prática, possamos continuar a discussão sobre as práticas de leitura e escrita na Educação Infantil, com aposta em um trabalho com os gêneros, dotando de sentido, também na creche, a linguagem escrita tal qual ela circula socialmente.

Durante o mês de Julho de 2012, realizamos nesta Unidade Escolar nossa Festa Junina. Antes da festa, trouxe vários tipos de convite para que as crianças observassem as características e os usos daquele gênero tal como ele circula socialmente. Li para o grupo o que estava escrito em cada convite, havia convite de casamento, de aniversário e de Festa Junina. Apenas uma criança reconheceu e nomeou o gênero, dizendo que era um convite. Após a fala dessa criança, outras crianças falaram sobre as situações em que vivenciaram o uso

---

<sup>1</sup> Todos os nomes citados neste artigo são fictícios, visando preservar a identidade dos participantes do estudo.

deste gênero, dizendo, por exemplo, que no seu aniversário foram distribuídos convites para os colegas. Continuamos nossa roda de conversa estabelecendo um paralelo entre as experiências das crianças e da professora com o gênero, os modos como ele circula socialmente, as características observadas e em seguida propondo a construção de um texto coletivo deste gênero com o objetivo de utilizá-lo para convidar outras pessoas para a nossa Festa Junina, dialogando com Batista (2011) ao dizer que as propostas de produção de textos que tem maior impacto sobre o aprendizado são aquelas que são realizadas em contextos comunicativos reais, em situações efetivas de uso da língua escrita. O texto foi escrito, tendo a professora na função de escriba/ mediadora, registrando as falas das crianças e negociando com eles a construção do texto, através de questionamentos e também dando algumas opções. O texto produzido coletivamente foi lido para o grupo, para realização de alguns ajustes. Depois disto, o texto foi digitado e confeccionou-se o convite em formato de bandeirinha, conforme decisão do grupo. As crianças, em outro momento, enfeitaram o convite, colando retalhos de tecido xadrez. Depois de pronto, fizemos o convite da Festa Junina circular, para os responsáveis e seus próximos, através da agenda.

(Caderno de Registros, 2012)

Em outro momento, próximo à festa do dia das crianças, aproveitamos a ocasião para escrevermos um outro convite chamando nossos convidados para participarem deste momento especial, vivenciando também com essa experiência o modo como o gênero convite circula socialmente, apropriando-se das suas estruturas, usos e funções, considerando as interações e intenções comunicativas de sujeitos numa determinada situação, conforme a necessidade surgida no cotidiano (CORSINO, 2011).

Na creche na qual se desenvolveu essa pesquisa, realizamos um trabalho no início do ano letivo de 2013 de construção de uma lista de combinados da turma a partir de conversa com as crianças sobre a importância de fazer com que a sala fosse um ambiente onde todas as pessoas se sentissem bem em permanecer, nos questionando sobre o que era preciso fazer para que isso acontecesse. As crianças foram convidadas a apresentarem suas propostas que, devolvidas para o grupo em forma de questionamento, poderiam ou não compor a lista e ainda se agrupariam de um lado ou do outro da lista (PODE e NÃO PODE). Dessa forma, as crianças foram se expressando, dizendo, por exemplo, que não podia bater nos amigos, podia brincar, fazer pintura de cavalete, não podia chutar... Quando falaram que não podia chutar, devolvi em forma de pergunta, questionando o que não poderíamos e o que poderíamos chutar, por exemplo, negociando com as crianças as regras e a construção da lista de combinados. Disseram que poderíamos chutar a bola, mas que não poderíamos chutar o colega! Conforme a turma citava as regras, fazia o registro de tudo o que ia sendo falado, na cartolina em forma de lista. Em outro momento, fiz a leitura dos combinados, com o objetivo de que revisássemos em grupo os acordos e estabelecêssemos outros conforme necessário. Ao final, convidei as crianças a assinarem a lista dando validade assim ao que foi escrito, como uma forma de todos tomarem conhecimento dos combinados e se comprometerem com o seu cumprimento. As crianças se utilizaram de zigzags e outras ondulações para representarem os seus nomes, alguns escreveram letras e pseudoletas aleatoriamente. Todos, por livre iniciativa, pegaram os

cartões para talvez tentarem escrever conforme estava ali, e quem sabe por seguir um ou outro colega que resolveu buscar essa correspondência. Tais regras, construídas coletivamente, foram revistas e relidas em outros momentos.

(Caderno de Registros, 2013)

O relato apresentado a seguir traz experiências vivenciadas durante este ano letivo (2013) com o uso de jornais na sala de aula, como um dos modos de crianças e adultos conhecerem e explorarem o mundo, se informando sobre alguns acontecimentos e conhecimentos. O uso do jornal foi trazido com a proposta inicial de vivenciarmos as diferentes formas de escrita no mundo, os diferentes tipos de texto, gêneros e suportes, buscando trazer práticas cotidianas que considerem a leitura e a escrita como algo cultural, social e não somente restrito ao ambiente escolar, dotando-o de sentido.

Ficamos sem água na creche durante uma semana, o que impediu o funcionamento normal desta unidade. Tivemos dias sem banho, outros sem atendimento às crianças e muitas perguntavam o porquê de não ter banho naquele dia, o porque de não utilizar tinta, dentre outras situações. Conversei com eles, informando que haviam muitos lugares que estavam sem água pois tinha ocorrido um problema no lugar que distribui água para os outros locais. No dia seguinte levei um jornal, cuja capa principal informava essa situação, a imagem era de uma mulher com garrafas de água vazias e a reportagem trazia o tema conversado anteriormente. As crianças ficaram curiosas em descobrir que outras pessoas estavam passando por este mesmo problema e que muitas não tinham nem um pouquinho de água, pois não tinham um reservatório como tem na creche; e animados em saber que o conserto estava sendo providenciado.

(Caderno de Registros, 2013)

Muitas são as situações em que se pode arriscar o uso do jornal impresso para experimentar outras formas de escrita no mundo. Como afirma Batista (2011, p.22), “uma primeira direção imprescindível para avançar no domínio da compreensão é experimentar esse mundo organizado em torno da cultura escrita, dele participando por meio de práticas de letramento”, garantindo a todos o direito a uma plena inserção no mundo da cultura escrita, e são as diversas práticas de leitura e escrita que podem assegurar essa progressiva inserção no mundo das letras.

Nem sempre é possível criar situações de uso da linguagem escrita em contextos reais; também é interessante, em alguns momentos, criar outros

contextos comunicativos, simulando as ações, criando os personagens e vivenciando os gêneros do discurso em um contexto de hipóteses e imaginação. A cena destacada a seguir apresenta a criação de uma simulação de contextos comunicativos (BATISTA, 2011).

Nos meses de agosto e setembro de 2012 vivenciamos um projeto com a temática do folclore, trazendo alguns elementos do nosso folclore, tais como as cantigas de roda, as cantigas passadas de geração em geração, algumas lendas, personagens, parlendas, trava-línguas, algumas brincadeiras e também algumas danças folclóricas para exploração. Destaco aqui o momento em que investigamos o personagem Saci Pererê. Os personagens encantados foram explorados a partir de livros de literatura infantil e vídeos retirados do Youtube e de diálogo com as crianças sobre o que cada um conhecia ou já ouvira falar desses personagens. A situação relatada a seguir parte de uma interlocução com Batista (2011, p.20) ao citar que nem sempre é possível criar efetivas situações reais de uso da língua, o que abre o espaço para a simulação de contextos comunicativos. Por este motivo, em um outro momento, enquanto as crianças brincavam no pátio, baguncei a sala, deixando mochilas no chão, espalhando brinquedos, livros, etc., sem que as crianças percebessem, e deixei um bilhete (OLÁ TURMA 31 PASSEI POR AQUI E BAGUNCEI A SALA DE VOCÊS. BEIJOS SACI PERERÊ). Quando voltaram, ficaram muito curiosos e surpresos. Questionei a turma, perguntando se alguém tinha feito aquilo; todos falaram que não tinham sido eles, que alguém tinha feito isso. Enquanto as crianças exploravam o espaço, fazia alguns comentários e questionamentos. Algumas crianças notaram o bilhete na parede e ficaram realizando tentativas de leitura. João convidou Carlos para tentar ler o bilhete para ele. Deixei também o gorro do Saci pela sala, Vanessa o encontrou, e quando Marcos viu todo o ocorrido disse que só podia ter sido o Saci quem fez tudo aquilo porque ele era muito bagunceiro. Convidei as crianças a fazerem uma roda para conversarmos sobre as pistas recolhidas e o que observamos. Preparamos uma armadilha adaptada (garrafa+ pena+ sopros) para pegar o Saci. As crianças propuseram que criássemos um bilhete para deixar para ele ler quando tentasse invadir nossa sala novamente. No dia seguinte, o Saci foi capturado: enquanto as crianças almoçavam, coloquei o Saci na garrafa. Ao chegarem do almoço e verem, vieram logo me procurar para me mostrar. Cada um levou a garrafa com o saci um dia para casa.

(Caderno de Registros, 2012)

As estratégias/práticas que busquei trazer para o cotidiano da Educação Infantil caracterizam-se como possibilidades reais de uso da linguagem escrita, a partir de vivências no universo cultural (BRITTO, 2004), fazendo uso nos momentos em que se fez necessário e incluindo as crianças nas pesquisas e decisões do/ para o grupo: recados e bilhetes na agenda; criação de convites para festas; leitura e vivências do cardápio; busca por informação em um jornal; pesquisa de um tema na internet ou em uma enciclopédia, considerando também a interlocução imagem e texto; leitura de livros; produção de textos coletivos; leitura de uma receita e consequente preparação, degustação e circulação desta



receita, dentre outras situações de vivências dos gêneros de modo pleno, incluindo-se aí o conhecer seu uso real, outros exemplos, explorar seus usos e dotá-lo de significado real, disponibilizando-se os suportes necessários e ainda simulando-se contextos reais, em situações criadas para determinado fim: uma carta para um personagem, por exemplo, possibilitando deste modo que as crianças participem criticamente da sociedade de cultura escrita, a partir do seu debate nas práticas cotidianas (BRITTO, 2004).

### **Transitando entre os contextos real e simulado: a brincadeira como experiência de cultura e experiência de/ com a linguagem escrita**

Transitando entre os contextos real e simulado, temos a brincadeira, que como uma experiência de cultura (BORBA, 2012) também pode ser uma experiência de/com a linguagem escrita. Em diversos contextos de faz de conta, as crianças, inseridas em sua cultura de pares (CORSARO, 2011) - compreendida aqui como universos compartilhados de discurso - fazem uso da linguagem escrita, dos diversos gêneros e suportes no seu contexto narrativo, afirmando-se neste uso, enquanto sujeitos do direito, do desejo e do conhecimento(...), produtores de sua própria identidade, de cultura, de linguagem, de história (DE ANGELO, 2011) quando, por exemplo, escrevem um bilhete para a mãe dizendo que foram passear e voltam mais tarde; fazendo uma lista de compras; distribuindo convites para a festa; revelando assim o que conhecem da linguagem escrita e, além disso, empreendendo esforços para compreendê-la.

Os relatos de cenas a seguir foram destacados com o objetivo de tecer diálogos a partir das interações que as crianças estabelecem nas brincadeiras compreendendo-a como uma das formas de vivenciar e buscar compreender o mundo, experimentando-o, imitando-o e recriando-o conforme suas percepções, destacando o modo como as crianças buscam compreender a linguagem escrita e fazer o uso das práticas de leitura e escrita conforme elas observam, buscando atribuir sentidos, revelando o que elas sabem da/sobre a linguagem escrita. É também nosso objetivo neste artigo elencar modos de favorecer esse fazer que abre para a criança múltiplas possibilidades de interpretação, compreensão e ação sobre a realidade.



### Cena 1: “Não tenho mais convite, acabou”

A turma EI 30 estava no solário durante a tarde. Neste dia disponibilizei alguns tecidos com a intenção de deixar à disposição das crianças outros materiais para elas interagirem e criarem, observando em alguns momentos e, em outros, fazendo parte das situações criadas naquele espaço, ocupando o papel de um adulto atípico, que não está ali para vigiá-las e sim para fazer parte de suas brincadeiras, suas conversas, suas experiências (BARBOSA, 2009).

Um grupo de crianças pegou um dos tecidos e levou para um dos brinquedos do solário (um brinquedo com dois escorregadores, espaços de escalar e vãos no meio e embaixo) tentando montar uma cabana. Fui chamada pelo grupo para ajudar a montar a cabana, esticando o tecido com eles e colocando sobre a parte lateral do brinquedo, fechando a única passagem totalmente aberta. Sara, dentro da casinha, pegou outro tecido e colocou sobre a tábua de passar roupa e começou a passar o ferro no tecido como quem passa roupa. José pegou outro tecido e colocou-o sobre as costas, semelhante à capa de um super herói e disse que era o Batman, enquanto corria pelo solário com a capa. Aproximei-me do grupo que havia montado a cabana e fiquei observando. Neste momento Denis falou:

- Entra, tia!

Entrei na cabana após o pedido do Denis e fiquei sentada ali junto com ele e outras duas crianças (Carlos e Renato). Logo em seguida, apareceu Jéferson e perguntou se podia entrar. Denis disse que Jéferson não poderia entrar, pois ele só tinha três convites que tinham sido dados para a “tia Natasha, Renato e Carlos”. “Não tenho mais convite, acabou!” disse Denis, tentando impedir a entrada de Jéferson.

Fiquei observando as relações ali estabelecidas. Carlos fez uma pergunta, acompanhada de uma afirmação, para o Jéferson:

- Você vai cuspir? Vai bater? Não pode cuspir e bater!

Jéferson disse que não iria cuspir e bater. Carlos logo lhe chamou para entrar dizendo ter ainda um convite. Jéferson entrou todo contente na cabana. Ficamos apertadinhos ali dentro durante um momento. Pouco tempo depois, o movimentar do escorregador acabou desmontando a cabana. Denis pegou o pano e o levou para o alto do brinquedo, esticando-o no chão. Outras crianças foram para o alto do brinquedo e se sentaram sobre o pano...

(Caderno de Registros, 2012)

Esta cena, retirada do caderno de registro do ano de 2012, diz sobre a ação da criança que ao selecionar para o “enredo” da sua brincadeira, os usos da linguagem escrita, incluindo aí um determinado gênero, revela seu conhecimento sobre ela, se apropriando, buscando compreendê-la e deixando na linguagem escrita as suas marcas.

Outras situações tais como a interação entre as crianças, as estratégias de acesso, a organização do espaço e a presença de elementos do real - quando, por

exemplo, uma criança pega o tecido e finge estar passando roupa e ainda elementos da televisão, quando outra criança pega o tecido e finge ser um super herói -, poderiam ser trazidas para discussão, mas atendo-me a sinalizar a utilização de um gênero textual em uma brincadeira, dotado de uso social, ou seja, servindo para permitir ou não a entrada de alguém. Só entra quem tem convite! A fala de Denis revela/sinaliza o quanto a ação criadora nasce e potencializa-se a partir de experiências com o real e ainda o modo como as crianças fazem o uso da linguagem escrita, buscando compreendê-la e significá-la em suas ações, apropriando-se deste objeto cultural em suas práticas e dotando-o de autoria em suas relações.

### **Cena 2: “Vou escrever para a sua mãe, tá?”**

As crianças estão na sala de atividades, cada grupo explorando um dos cantos da sala. Na sala havia uma mesa com massinha, potes e tesouras; outra com materiais para desenho/ técnica de arte (folha A4, giz em diversas cores e pote com água); um canto com fogão, pia, pratos, panelas e demais acessórios de cozinha, bem como vassoura, rodo e pá de lixo; outro canto próximo com tapete, blocos de encaixe e telefone; outro espaço com cadeirinhas, fantasias e tecidos e outro espaço com tapetes, almofadas e livros. Há também na sala fantoches pendurados, acessíveis às crianças e um cavalete com alguns potes com tinta, pincel e folha.

Maria, Ana e Kauã estão brincando no espaço com fogão e pia. Fazem comidas, comem e lavam a louça. Kauã utiliza esponja e água para lavar os pratos e panelas, enquanto isso, pede para eu cuidar do seu bebê, sua boneca, que está machucada. Seguro, então, a boneca e pergunto o que aconteceu. Kauã diz que ela machucou o dedo. Falo que irei passar água e colocar o gelo como é de costume na ação com as crianças. Maria pega uma das agendas em cima da bancada, abre-a e diz: “Vou escrever pra sua mãe, tá?”, referindo-se à boneca, e com o movimentar dos dedos faz como quem escreve algo para alguém.

(Caderno de Registros, 2013)

Destaco esta cena pois podemos observar em mais uma brincadeira a utilização de um gênero e o seu respectivo suporte compondo a narrativa desta ação criadora. Ao trazer o objeto agenda e dotá-lo de significado e uso abrindo e fazendo movimentos de escrita e oralizando o que escrevera, Maria demonstrou conhecer a funcionalidade e o uso da agenda (comunicar-se com os responsáveis); a partir, talvez, de outras cenas em que observou a professora escrevendo um recado, fala da professora com alguma criança dizendo que escreveria para a mãe comunicando que a criança se machucou, pois as ações se deram de modo semelhante como acontecem no dia a dia do grupo, revelando nesta situação também que a criança é um ser atuante em seus processos de aprendizagem,

buscando compreender e agir no mundo a partir das suas ações, e o mesmo se dá em relação às experiências com a linguagem escrita.

### **Cena 3: “Tia, espera, eu ainda não escrevi meu nome”**

A situação descrita a seguir aconteceu durante um dos momentos de livre opção propostos na organização da rotina diária na sala de atividades da turma enquanto cada grupo de crianças brincava e interagia com os colegas e objetos nos cantos organizados neste espaço.

Júlia desenha na mesa juntamente com outros três colegas, cada um com a sua folha. Interessante ressaltar que enquanto as crianças desenhavam a educadora tem o costume de pedir licença para escrever o nome de cada criança em sua folha.

Neste dia, Júlia, ao terminar o desenho, chama a sua professora e o entrega para ela. Antes que a professora vá para outro espaço, ela lembra que ficou faltando escrever o seu nome e pede novamente a folha para a sua professora dizendo: “Tia, espera, eu ainda não escrevi meu nome”, pegando a folha, um lápis e fazendo zigzagues representando o seu nome.

(Caderno de Registros, 2013)

Júlia escreve o seu nome, tal como acredita que é, e esta ação de escrita espontânea nos “fornece um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado” (FERREIRO, 2001). Júlia faz em suas produções distinção entre os desenhos e a escrita, sinalizando até mesmo quando questionada em outros momentos, atribuindo assim valor às suas produções, iniciando suas reflexões sobre os funcionamentos e funcionalidades da(s) escrita(s), revelando o seu processo individual de construção de conhecimento que se dá articulado e inserido com/em um processo discursivo no qual adultos, outras crianças e outros objetos interagem na/ com e a partir da linguagem, construindo assim conhecimentos e outras hipóteses.

Outras situações, tais como a escrita de bilhete para a mãe pedindo para comprar bala, fazendo o uso de pseudoletas e zigzagues; e ainda quando uma criança pega um livro e o expõe iniciando uma narrativa com a interpretação das imagens e/ou fazendo uso da memória (de cor); ou quando “lêem” uma receita para fazer um bolo etc, revelam que essas crianças pensam sobre a escrita e empreendem esforços tentando compreendê-la. Quais significados e usos têm sido dados à escrita? Como essas crianças têm pensando a linguagem escrita? O que é

revelado nestas brincadeiras? Como potencializar experiências com a leitura e a escrita na brincadeira/ o que disponibilizar, quando?

É nas muitas interações com a cultura escrita que a criança vai elaborando seu conceito de linguagem escrita, o que a faz compreender as diferentes funções do ler e do escrever, ampliando seu conhecimento de letras, números e desenhos e aprendendo a fazer distinções entre os diversos gêneros e os suportes de escrita (SOARES, 2009); merece destaque a brincadeira como uma das possibilidades de interação com este objeto cultural. Na experiência da brincadeira, a criança empreende esforços físicos e criativos que lhe conferem a possibilidade para fazer aquilo que deseja, como tentativas de entendimento, extrapolando a imitação e dotando esta ação com um toque de sua interpretação do mundo, ampliando deste modo suas experiências a partir de um "dizer sobre". Na brincadeira, a criança "fala" sobre suas significações do mundo, especialmente aqui, sobre suas significações da/ sobre a linguagem escrita, em um dizer que não se limita ao uso objetivo do escrito (BRITTO, 2004), constituindo-se enquanto seres de linguagem e produtores de linguagem, inseridos em um contexto histórico, social e cultural específicos.

E como se dá essa ação criadora? Segundo Vygotsky (2002), a criança acumula materiais para sua criação a partir do que vê e do que ouve, o que nos remete a uma importante consequência pedagógica: se quisermos ampliar significativamente essa ação criadora devemos ampliar suas experiências. Os gêneros e suportes trazidos para as brincadeiras em destaque fizeram parte da narrativa das brincadeiras pois aqueles grupos fizeram o uso destes elementos em outros contextos, quando por exemplo criaram um convite para a Festa Junina da Creche; quando receberam um convite de aniversário de um colega; observaram a professora escrever na agenda para os responsáveis comunicando um machucado; participaram de situações de leitura e contação de história com objetos como livro e fantoche; escreveram coletivamente uma lista com o que deveria ser comprado para preparo de uma receita tendo a professora como escriba/ mediadora; observaram a mãe em casa deixando um bilhete na geladeira para o pai; observaram alguém anotar um recado com o telefone para retornar a chamada; viram a avó lendo o jornal etc.

## Considerações finais

“Nada se cria, tudo se copia”, mas a cada edição, é o mesmo e o outro. Busco este ditado popular para finalizar, sem findar o diálogo, deixando outras questões para serem pensadas e práticas a serem vivenciadas. A criança em sua ação criadora utiliza elementos da sua experiência, e aqui questiono o ditado, afirmando que na brincadeira, a criança a constrói com e a partir de elementos de sua experiência real, extrapolando a cópia e a imitação, dotando esta ação com seus sentidos e interpretação do mundo, significando a linguagem escrita, aqui compreendida como mais uma possibilidade de se dizerem, registrando o que vivem, pensando, imaginando e deixando suas marcas (CORSINO, 2011). É pensando nestas experiências que, em diálogo com Batista (2011), afirmo:

É importante que o professor leve em conta que cabe a ele atuar como mediador entre as crianças e o mundo da escrita e que, quanto menor é o grau de autonomia de seus alunos na leitura e na escrita, maior será seu papel como um modelo de leitor. (BATISTA, 2011, p. 22)

Torna-se importante também assegurar um espaço físico que estimule as interações com a leitura e a escrita, com espaços organizados para a leitura, com livros e também a presença de textos com outros suportes e gêneros, tais como jornais, revistas, livros de pesquisa, receitas e ainda outros materiais que possam ser empregados como apoio à brincadeira, permitindo que as crianças anotem sua lista de compras; escrevam uma carta para o colega; utilizem um livro para ler uma história; consultem o jornal para verificar a previsão do tempo; façam receitas etc.

Neste artigo, trouxe como eixo norteador de discussões, a linguagem escrita, seus usos e funções, nas interações que se estabelecem no mundo, pensando-a como parte constituinte das relações entre os homens, que a utilizam para comunicar-se, expressar-se e construir sentidos na relação com o outro, fazendo também um recorte, buscando pensar como a criança pequena vive esta linguagem escrita e busca compreendê-la, também a partir da brincadeira, e ainda como potencializar práticas pedagógicas no cotidiano da Educação Infantil que considerem a vivacidade e pluralidade desta linguagem repleta de sentidos e significados, apostando em um trabalho com os gêneros do discurso, em contextos

reais e simulados, tecendo deste modo alguns fios, a partir de uma reflexão sobre a prática e deixando espaço para outras discussões e tessituras sobre o espaço e práticas da linguagem escrita na educação infantil e a ação, aqui e agora, da criança pequena, em interação com a linguagem escrita.

## Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA, M. C. S. Como a Sociologia da Infância de William Corsaro pode contribuir com as pedagogias das escolas de educação infantil? IN: MULLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (org.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**. São Paulo: Cortez, 2009
- BATISTA, A. A. G. Alfabetização, leitura e ensino de português: desafios e perspectivas curriculares. **Revista Contemporânea de Educação**. N. 12. Agosto/Dezembro, 2011.
- BORBA, A. M. A brincadeira como experiência de cultura. IN: CORSINO, P.(org.) **Educação Infantil: Cotidiano e Políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012
- BRITTO, L. P. Letramento e alfabetização: implicações para a educação infantil. In: GOULART, A.G.F.; MELLO, S.A.M. (ORGS.). **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas/ SP: Autores Associados, 2004, p. 5-22
- CORSARO, W. Compartilhamento e controle em culturas iniciais de pares. In: CORSARO, W. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CORSINO, P. Professoras de educação infantil e suas visões de letramento: tensões da prática. In: KRAMER, S.; ROCHA, E. (org.) **Educação Infantil: enfoques em diálogo**. Campinas, SP: Papyrus, 2011, pp. 241-257
- DAHLBERG G., MOSS P., PENCE A. **Qualidade na Educação da Primeira Infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed: 2003.
- DE ANGELO, A. O espaço-tempo da fala na educação infantil: a roda de conversa como dispositivo pedagógico. In: KRAMER, S.; ROCHA, E. (org.) **Educação Infantil: enfoques em diálogo**. Campinas, SP: Papyrus, 2011, p. 53-65
- FERREIRO, E. **A representação da linguagem e o processo de alfabetização**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- GOUVÊA, M. C. S. A criança e a linguagem: entre palavras e coisas. In: PAIVA, MARTINS, PAULINO, CORRÊA, VERSANI (orgs.). **Literatura: saberes em movimento**. Belo Horizonte: CEALE, Autêntica, 2007.
- VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A formação social da mente**. 6 ed.São Paulo: Martins Fontes, 2002.